



BREVES APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA IMPRENSA DE LÍNGUA FRANCESA NO BRASIL ENTRE PRINCÍPIOS DO SÉCULO XIX E MEADOS DO SÉCULO XX¹

BRIEF NOTES ON THE HISTORY OF THE FRENCH LANGUAGE PRESS IN BRAZIL BETWEEN THE BEGINNING OF THE 19TH CENTURY AND THE MIDDLE OF THE 20TH CENTURY

BOGO, Meg Dias²

<https://orcid.org/0000-0001-6095-1797>

RESUMO: Esse artigo busca apresentar um panorama geral sobre os estudos que unem os campos da História e Imprensa e procura dar ênfase à história dos impressos periódicos no século XIX e XX. O trabalho com a circulação de periódicos franceses no Brasil, sejam importados ou não, isto é, a produção franco-brasileira, vem sendo realizado de forma consistente pelo Transfopress Brasil – Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira no Brasil, que está vinculado à rede internacional TRANSFOPRESS – Transnational network for the study of foreign language press³. Assim, a pesquisa contempla reflexões de especialistas brasileiros e estrangeiros que investigam problemas de história com especial atenção para a história da imprensa e da circulação dos impressos no Brasil e nas Américas. A realização da pesquisa foi possível a partir da análise de referenciais bibliográficos pertinentes à questão, principalmente os debates propostos pelas historiadoras Tânia de Luca, Flávia Falleiros, Diana Cooper-Richet, Valéria Guimarães e Isabel Lustosa.

PALAVRAS-CHAVE: Periódicos; Franceses; Brasil.

ABSTRACT: This article consists in presenting an overview of the studies that unite the fields of History and Press and seeks to emphasize the history of printed periodicals in the 19th and 20th centuries. The work with the circulation of French periodicals in Brazil, whether imported or not, that's French-brazilian production, has been consistently carried out by Transfopress Brazil - Group for the Study of Foreign Language Press in Brazil, which is linked to the international network TRANSFOPRESS - Transnational network for the study of foreign language press. Thus, the research contemplates reflections from Brazilian and foreign specialists that are part of these groups and that investigate problems with special attention to the history of the press and the circulation of printed matter in Brazil and the Americas. The research was possible based on bibliographic references pertinent to the issue, especially the debates proposed by historians Tânia de Luca, Flávia Falleiros, Diana Cooper-Richet, Valéria Guimarães, and Isabel Lustosa.

KEYWORDS: Periodicals; French; Brazil.

1 Esse artigo contém reflexões de cursos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros durante a disciplina, Mídias e Literaturas: suportes e conteúdos, ofertada de modo online, durante o primeiro semestre do ano de 2021 pela Professora Dra. Valéria Guimarães e pelo Professor Dr. Pablo Amorim, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP – Campus São José do Rio Preto. A atividade foi realizada com a finalidade de cumprimento de créditos no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Unesp.

2 Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Graduada em História (2009) e Mestre em História (2016) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

E-mail: meg.dias@unesp.br

3 Rede Transnacional para o estudo da imprensa em língua estrangeira.

INTRODUÇÃO

A questão das transferências culturais aplicada às relações Brasil-França no âmbito da imprensa nos séculos XIX e XX foi abordada em Guimarães (2012), que a partir dos estudos sobre a complexidade das trocas, entre Europa e América Latina, e os múltiplos produtos editoriais originais que resultam destas interações, confirmou, junto com outros pesquisadores da temática, o papel privilegiado da imprensa naquele período como “mediador cultural, bem como a existência, no mundo ocidental, de circuitos integrados de informação” (GUIMARÃES, 2012, p. 20). A partir desse contexto, novas perspectivas foram abertas para os estudos sobre a história dos periódicos e das transferências culturais transatlânticas no campo da imprensa em direção e a partir do Brasil.

Os debates sobre a imprensa francófona no contexto brasileiro são resultados de uma jornada organizada por Valéria Guimarães e Diana Cooper-Richet, realizada no *Centre d'histoire culturelle des sociétés contemporaines* da *Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines*¹. Desse encontro e colaboração entre as pesquisadoras aconteceu a publicação do livro “Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil” (2012), organizado por Valéria Guimarães. A Jornada de Estudos teve início em outubro de 1999 com três acontecimentos: um colóquio na *Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines* sobre “A circulação dos almanaques na Europa e nas Américas entre os séculos XVII, XX” e outros dois sobre mesmo tema no Brasil. Além disso, desse encontro aconteceu a publicação de dois livros, *Do Almanack aos Almanques* (Meyer, 2001), e *Les Lectures du Peuple en Europe et dans les Amériques du XVII au XX siècle*² (LUSEBRINK et. Al., 2003). (MOLLIER, 2012, p.14 - PREFÁCIO).

Sobre o conceito de transferências culturais, é importante considerar os apontamentos de Michel Espagne (2009), que coloca em evidência a necessidade de examinar novas possibilidades propondo uma reflexão que busca ultrapassar o quadro nacional da história cultural pelo estudo de um objeto entre seu contexto de surgimento e um novo contexto de recepção. Seja qual for a maneira como é definida o contexto de recepção ou o de origem, “devemos considerá-lo, durante o processo de transferência, como unidades estáveis entre as quais se desenvolve a dinâmica da troca” (ESPAGNE, 2009, p. 23). A transposição dos objetos culturais não significa uma perda, mas seguindo a esteira do filósofo Herder, se constitui uma construção nova. (ESPAGNE, 2009). A partir de tais pressupostos, a historiadora

1 Centro de História Cultural das Sociedades Contemporâneas da Universidade de Versailles Saint-Quentin-Yvelines, França.

2 As leituras dos Povos na Europa e nas Américas do século XVII ao século XX.

Valéria Guimarães (2012) valida que o conceito de transferências culturais tem a “vantagem de ultrapassar as relações assimétricas quanto à colonização, seja política, econômica ou cultural, e abre novas perspectivas privilegiando as interferências, as imbricações, o jogo dos aceites e recusas, as escolhas e as expectativas” (GUIMARÃES, 2012, p. 158).

É possível verificar a intensidade das trocas internas entre Brasil e França, principalmente, no âmbito da imprensa brasileira, que se constituiu, portanto, como um sistema de interrelações, no seio do qual a intensa atividade dos mediadores (escritores, jornalistas, livreiros, intelectuais, tradutores e viajantes, ou seja, homens de letras em geral) ocupava um lugar central. Além disso, as transferências culturais nunca acontecem em sentido único, e “está claro que todos esses processos de mestiçagem vieram enriquecer e dar à imprensa brasileira sua identidade e suas particularidades, para *in fine* fazer dela um vetor completamente singular.” (GUIMARÃES; RICHET, 2012, p. 21). Em seu estudo sobre história da imprensa, a pesquisadora Daiana Cooper-Richet (2009) busca destacar aspectos culturais e transnacionais, e evoca as transferências ocorridas no âmbito da imprensa em português produzida em Paris. Isso ajudou a consolidar o papel desempenhado por esta região “como um lugar de múltiplas transferências culturais, uma cidade para qual partem para o Novo Mundo impressos de todos os tipos” (COOPER-RICHET, 2009, p. 555). O que demonstra a importância dessa imprensa não apenas na França, mas além de suas fronteiras políticas (KALIFA et. al., 2011).

DESENVOLVIMENTO

A imprensa e seus atores desempenharam papel fundamental nas Américas, sobretudo, a partir do povoamento de imigrantes. Nesse cenário, o jornal se apresentou como um instrumento político de consolidação de identidades, de criação de imaginários que influenciam o mundo social e vice-versa. Além disso, os imigrantes distantes indicavam a necessidade da circulação de jornais estrangeiros, e até mesmo periódicos bilíngues. Neste sentido é preciso pontuar nos termos de Dominique Kalifa (2011) que a imprensa de língua estrangeira é porta-voz dessa “*civilisation du journal*”³.

Organizado em 2015, sob liderança de Isabel Lustosa, o grupo “Imprensa e circulação de ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX” se dedicou a realizar estudos de revistas e jornais brasileiros, dos mais diferentes gêneros e matizes políticos, e, buscou evidenciar as trocas estabelecidas no âmbito da imprensa, que nunca se limitou às fronteiras nacionais (LUCA, 2018, p. 8). Como parte desse grupo, a historiadora Tânia de

3 “Civilização do jornal”.

Luca (2008; 2018), além de explorar questões metodológicas que envolvem a utilização das fontes periódicas, também chama atenção para a circulação transatlântica dos periódicos, sobretudo, para as trocas culturais, por meio da circulação de gêneros literários e jornalísticos. Suas observações foram realizadas a partir da revista *A Ilustração* (1884-1892), disponível na Biblioteca de Obras Raras do CEDAP-UNESP, Campus de Assis, adquirida pela instituição em 1960.

A revista foi impressa em Paris e vendida no Rio de Janeiro e em Lisboa. O quinzenário vinculava-se a setor específico dos impressos periódicos ilustrados, cuja origem remontava à década de 1840, quando surgiram o *The Illustrated London News*⁴ (Londres, 1842-1971) e *L'illustration*⁵ (Paris, 1843-1944; 1945-1955) (LUCA, 2018, p. 20). O desafio da historiadora foi entender o porquê optou-se por imprimir a revista em Paris e enviá-la a cada quinze dias para os portos de Lisboa e do Rio de Janeiro. Sabe-se que, àquela época, Brasil e Portugal não dispunham de sofisticação capazes de rivalizar com o que se produzia em países como França e Inglaterra. Logo, verifica-se que a opção por imprimir a revista na França era decorrente dos “custos de transporte, a produção da revista era muito vantajosa, ainda mais porque o elevado custo envolvido na produção de estampas era contornado graças a uma maneira de lucrar e colocando em circulação esse material” (LUCA, 2018, p. 22).

Quando *A Ilustração* foi lançada, não havia outro título da mesma natureza em circulação, sendo que somente no século XX, quando a tecnologia para imprimir diretamente a fotografia já estava disponível, registrou-se um título longevo. Em Paris, a impressão estava a cargo da *Société anonymes de publications périodiques*⁶, que respondia pela confecção de um conjunto diversificado de revistas, entre as quais *Le Monde Illustré*⁷ (Paris, 1857-1940; 1945-1956) concorrente direta da *L'illustration*.

Contudo, o que predominou foi a simultaneidade da circulação, ou seja, as mesmas imagens vistas por um leitor francês estavam disponíveis para brasileiros e portugueses. Os resultados alertam para a necessidade de rever noções de cópia ou atraso, pouco acuradas frente à circulação que se observa no espaço transatlântico, a difusão de hábitos, comportamentos, valores e mesmo de um imaginário compartilhado (LUCA, 2018 apud LUCA, 2018, p. 23).

As revistas ficam mais evidentes contemporaneamente, sabe-se que elas são mais

4 O Ilustrado Noticiário de Londres.

5 A Ilustração.

6 Sociedade anônima de publicações periódicas.

7 Mundo Ilustrado.

do que o papel impresso, elas são lugares de sociabilidades, microclimas intelectuais, e devem ser pensadas não apenas no âmbito local. Nesse caso, é importante olhar numa perspectiva ampla a imprensa do século XIX, que naquele contexto se configura como uma atividade industrializada, pois é o momento de industrialização da prensa, ou seja, do processo de composição onde estão presentes personagens que precisam ser considerados nesse circuito de produção e circulação dos impressos periódicos, como o tipógrafo, o impressor ou compositor. O processo da profissionalização dos jornais e revistas acompanha o poder que adquiriram no conjunto das mídias. De acordo com Valéria Guimarães (2019), a francofilia esteve presente no Brasil desde fins do século XVIII, presença também materializada na circulação de periódicos tanto importados de Paris, como publicados por emigrados nos séculos seguintes.

Ao perceber aspectos da produção, circulação e distribuição desses periódicos nos contextos do Rio de Janeiro e em São Paulo, Guimarães (2019) defende a hipótese de que esses periódicos “tanto difundiam a cultura francófona, como foram pioneiros na inserção do Brasil na lógica da cultura midiática transnacional da modernidade” (GUIMARÃES, 2019, p. 1). Durante os séculos XIX e XX, a imprensa brasileira tornou-se um espaço vital de debates. “A importância de seu papel social foi crescente e as trocas culturais com outros países foram referências inegáveis para sua formação” (GUIMARÃES, 2012, p.157). De modo que, a maioria das pesquisas sobre história do livro ou da imprensa periódica, independente do tempo em que fora produzida, reconhece como “inegável a predominância francesa na atividade periodística brasileira” (GUIMARÃES, 2019, p. 17). Esse cenário do protagonismo francês na imprensa periódica era favorecido pelas condições da imprensa brasileira que nos oitocentos, ainda estava em vias de se profissionalizar⁸.

Desde o século XIX, o mercado editorial do Rio de Janeiro e de São Paulo se viu inundado por um número expressivo de periódicos estrangeiros, em sua maioria franceses, em consequência da explosão quantitativa e qualitativa da produção periódica na França. “Ainda que a imigração francesa tenha sido praticamente insignificante frente a outros grupos étnicos que se instalaram no país, o predomínio numérico de impressos periódicos francófonos em acervos e catálogos de livrarias é inegável” (GUIMARÃES, 2019, p. 4). Em seus estudos sobre a imprensa em língua francesa, Valéria Guimarães tem revelado

8 De acordo com Flávia Falleiros, no caso da França, foi neste país que se deu o nascimento do jornalismo moderno. Além disso, também foi neste país que onde forjaram-se as noções de opinião pública e liberdade de imprensa. O fenômeno de formação do espaço público burguês que se deu na França, foi estudado e está expresso na obra de Habermas (2003), onde o autor dá ênfase para a análise da mudança estrutural da história pública.

aspectos importantes da dinâmica da publicação de periódicos franceses no país. Até o momento, a historiadora já localizou cerca de 600 títulos diferentes de jornais e revistas publicados na França e que estavam disponíveis nos catálogos de livrarias e bibliotecas brasileiros do século XIX e XX, principalmente, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo (GUIMARÃES, 2019, p. 4).

Para Guimarães (2019) o predomínio de títulos em francês em relação aos demais idiomas estrangeiros se dá em decorrência “da força global da cultura francesa no período, particularmente na América Latina, e, de acordos comerciais favoráveis à entrada de impressos provenientes da França” (GUIMARÃES, 2019, p. 23). Jornais franceses importados de Paris ou publicados no Brasil “não só cumpriram o papel de difusão francófona, como estiveram entre os pioneiros na inserção do Brasil na lógica de uma cultura midiática transnacional surgida no bojo da ascensão da modernidade do século XIX” (GUIMARÃES, 2019, p. 5).

De acordo com Lustosa (2003), a imprensa, no período colonial, não nos convinha, na opinião do colonizador. À época, o Brasil se configurava como um dos únicos países do mundo que não produzia palavra impressa. “Até 1808, data da chegada de d. João VI, as letras impressas eram proibidas aqui e as poucas tentativas de se estabelecerem tipografias esbarraram na intransigência das autoridades portuguesas” (LUSTOSA, 2003, p. 7). Nota-se que, a partir da vinda do rei, muita coisa mudou. A mudança mais importante foi o status político e econômico do Brasil.

Com a abertura dos portos às nações amigas quebrou-se o monopólio com Portugal e o país viu florescer o comércio. Desse modo, “logo após a chegada do rei, existia a necessidade de se implantar a imprensa por aqui, principalmente pela urgência em se imprimir os atos do governo e divulgar notícias interessantes à Coroa” (LUSTOSA, 2003, p. 8). Era de fato uma mudança radical no cotidiano e nos costumes da antiga colônia⁹. Esse cenário seria profundamente transformado com a Independência. Mas, entre a chegada do rei e a Independência em 1822, uma sucessão de acontecimentos internacionais e locais foram fundamentais para a Independência do Brasil, tais como a Revolução do Porto, em 1820 e o fim da censura da imprensa.

Para Isabel Lustosa (2003), pode-se dizer que “Imprensa para nós, brasileiros, se escreve com “i” de independência” (LUSTOSA, 2003, p. 52). Pois, foi em grande parte, graças à ação da imprensa que se fez a Independência do Brasil. Primeiro, com o trabalho

9 O primeiro jornal impresso no Brasil foi a Gazeta do Rio de Janeiro. Lançada em 10 de setembro de 1808, seguindo os moldes de sua irmã, a Gazeta de Lisboa, era uma espécie de folha oficial onde se publicavam os decretos e os fatos relacionados com a família real. Até 1821, foi a única folha impressa a que o público do Rio de Janeiro tinha acesso. (LUSTOSA, 2003, p. 20).

sistemático de Hipólito da Costa “contra o Absolutismo, o obscurantismo e a corrupção” (Idem), depois, a imprensa propiciou também a organização das diversas tendências que emergiram com a liberação política que se seguiu à Revolução do Porto. Foi notório que a própria campanha da Constituinte fora deflagrada nos jornais. Outro aspecto importante foi a atuação de D. Pedro nessa imprensa, conhecido como o *enfant terrible*¹⁰ no Brasil e no exterior, o Imperador também se beneficiaria da liberdade de imprensa para atacar os seus algozes.

É possível aferir, a partir de Lustosa (2003), que a imprensa da Independência “tinha as características da imprensa europeia do século anterior. Ao contrário do que já se conhecia na Europa, foram raros nesse cenário os jornalistas profissionais” (LUSTOSA, 2003, p. 57). O jornal também apresentava novas possibilidades, principalmente para a propaganda política elemento que “o distanciava cada vez mais do papel educativo inicialmente proposto” (LUSTOSA, 2003, p. 58). Isso ficou explícito no processo de “independência, contexto em que política e imprensa se confundiram da forma mais radical” (LUSTOSA, 2003, p. 59).

Todavia, o surgimento de jornais impressos em francês no Rio de Janeiro, a partir de 1827, não pode ser entendido sem que se analise também o processo de intensa imigração francesa iniciada em 1816 e a subsequente predominância dos franceses na corte de D. Pedro I. Durante o Primeiro Reinado, mesmo em número reduzido em relação aos ingleses, “os franceses estiveram bem mais perto do trono imperial e estabeleceram laços mais estreitos com o imperador do que as demais nacionalidades representadas na Corte” (LUSTOSA, 2017, p. 22).

Os dados levantados sobre a imigração francesa, e expostos por Valéria Guimarães durante o seminário “Imprensa Francófona no Brasil”, mostram que, entre 1820 e 1920, dos mais de três milhões de imigrantes que entraram no Brasil, apenas 30.500 eram franceses, quantidade insignificante em relação às demais nacionalidades. O Brasil foi o segundo país com maior número em imigração francesa, atrás da Argentina. Entre 1904 e 1933, os franceses totalizavam 19.593, número inferior em relação aos imigrantes italianos e espanhóis, por exemplo. No período da grande imigração entre 1872 e 1895, apenas 1,55% de todos os imigrantes eram franceses. Já na passagem do século XIX para o século XX, a porcentagem de imigrantes franceses é ínfima em relação aos imigrantes de outras nacionalidades.

Neste contexto, a imprensa feita por franceses foi fator de integração de sua comunidade na sociedade brasileira. A imprensa francesa foi fonte importante de informação

10 Infante terrível.

tanto para os compatriotas que aqui viviam, como para levar ao mundo as notícias sobre o que realmente se passava deste lado do Atlântico. Muitos foram os homens de letras, impressores e gráficos franceses que desembarcaram e se estabeleceram no Brasil como redatores da nova imprensa que aqui surgiu com a Independência, dentre eles, Lustosa (2017) destaca Jean-Baptiste Aymé de Loy, que, chegou ao Brasil em 1822, vindo de Portugal, e antes de lançar sua própria folha, a Estrela Brasileira, foi um dos redatores da Gazeta do Rio de Janeiro e, depois, do Diário do Governo (LUSTOSA, 2017, p.30).

Outros franceses sucederam a De Loy nas atividades da imprensa do Primeiro Reinado, quando partiu à França, em 1823. Um deles foi Jean-François Despas, que colaboraria com a Estrela Brasileira e com outros jornais no começo de 1828. Esse jornal foi vendido mais tarde por Jean-François Despas, seu proprietário, para outro francês, Pierre Plancher, que desembarcou no Brasil em fevereiro de 1824 e seria também o responsável por lançar o jornal, *Spectador* Brasileiro, que depois, incorporou o periódico Estrela da Manhã. Nesse contexto Pierre Plancher se lançou como editor de periódicos atividade que se somaria a outras tantas de suas atividades comerciais. Envolvido desde então com a política imperial atuaria sempre ao lado de D. Pedro I, o *Spectador*, deixaria de ser publicado em 23 de maio de 1826 (LUSTOSA, 2017, p.31).

O investimento na publicação de jornal em francês só viria acontecer, no ano seguinte, 1827, quando Pierre Plancher lançou *L'Indépendant: feuille de commerce, politique et littéraire*¹¹, cujo redator era outro francês, Émile Sève. Por sua vez, Émile Sève investiu na compra do *L'Indépendant* com recurso adquirido junto ao amigo e bem-sucedido médico francês, François Sigaud, que era tido como republicano, mas também era sócio do impressor imperial Pierre Plancher no *Jornal do Commercio*. Em 30 de junho de 1827, Sève mudou o nome do *L'Indépendant* para *L'Écho de l'Amérique du Sud*¹², *jornal politique, commercial et littéraire*. Os direitos de propriedade e publicação do *L'Écho*, seriam repassados em 1828 a René Ogier. Este, por sua vez, lançaria *Le Courier du Brésil: feuille politique, commercial et litteraire*¹³ para substituir *L'Écho*. Esta folha, a terceira publicada exclusivamente em francês, circularia até março de 1830, quando seria substituída pelo Moderador – inicialmente publicado em edições bilíngues, mas logo apenas em português. Este jornal encerrou suas atividades com a abdicação de D. Pedro I, em abril de 1831 (LUSTOSA, 2017, p. 32).

11 O Independente: folha de comércio, política e literária.

12 O Eco da América do Sul, jornal político, comercial e literário.

13 O Correio do Brasil: folha política, comercial e literária.

As mudanças de mão de um jornal para outro nem sempre se deviam a razões comerciais. Além disso, todos os franceses que se dedicaram à publicação de jornais durante o Primeiro Reinado se envolveram em polêmicas que os obrigaram a desistir da profissão de jornalista e, em alguns casos, a deixar o país. De Loy, por exemplo, sofreu ataques ameaçadores que o levaram a partir do Brasil no final de 1823. Pierre Plancher, só deixou de publicar o *Spectador* quando o jornal entrou em polêmica com a Assembleia. Pierre Chapuis, que lançou o Verdadeiro Liberal – periódico político e literário, em 1826, foi expulso por ordem régia de D. Pedro I. Emile Sève, desistiu de continuar à frente do *L’Echo* por sofrer atentado. A atuação de Henri Plasson, último redator do *Courrier* (depois *Moderador*) acabou junto com o Primeiro Reinado, temendo perseguições se aqui ficasse, Henri Plasson acompanhou o imperador no exílio (LUSTOSA, 2017, p. 34).

Esses jornalistas estrangeiros improvisados tiveram papel importante no Primeiro Reinado, tanto atuando a favor do governo imperial, quanto dando-lhe combate. Uma interessante corrente pode ser estabelecida entre,

os jornais dirigidos ou redigidos por franceses daquele período, demonstrando que, entre negócios e política, apesar de nem sempre terem a mesma opinião, os franceses do Rio se mantiveram relativamente integrados em uma comunidade e só os elementos mais radicais foram neutralizados ou expulsos” (LUSTOSA, 2017, p. 30).

Por isso, para Isabel Lustosa, essa imprensa brasileira feita por estrangeiros que viveram aqui, se mostra “reveladora dos circuitos culturais transatlânticos que, de alguma forma, irmanavam homens de países distantes” (LUSTOSA, 2017, p.51). Naqueles jornais do Primeiro Reinado, tais como o *L’Indépendant* (1824/1828) que depois tornou-se *L’Echo de L’Amerique du Sud* (1827-1830) e *Le Courier du Brésil*¹⁴ (1828) embora tivessem a pauta político e literário, os jornais eram essencialmente políticos.

É de fato, no Segundo Império, a partir da liberação da censura, que há certa estabilidade com relação a imprensa, principalmente porque D. Pedro II não era um grande censurador. Ao mesmo tempo, tem uma conjuntura ocidental que é a do incremento técnico dos transportes, todavia, as técnicas de distribuição são diferentes. Considerando esse cenário, Valéria Guimarães verifica que não apenas a imprensa francesa, mas a franco-brasileira se dinamiza. É importante pontuar que esse conceito remete a imbricações, pois é uma imprensa publicada muitas vezes por imigrantes e por brasileiros, e, portanto, faz parte da história do Brasil. Em seus estudos sobre a imprensa francesa publicada no Brasil entre os séculos XIX e XX, a historiadora divide esse momento em três períodos, a

14 O Correio do Brasil.

saber, a primeira fase, entre 1827 e 1853; a segunda fase, também conhecida como “Era de Ouro”, que se estende entre os anos de 1854 e 1924 (GUIMARÃES, 2017; 2019) e a fase modernista entre 1932-1957.

Sobre a “Era de Ouro”, fase na qual a autora se atenta com mais profundidade, é entendida como esse tempo em que a imprensa franco-brasileira se dinamiza, sendo possível verificar esse movimento através do maior número de títulos e das páginas dos periódicos, do incremento da publicidade, do aumento do número dos participantes envolvidos, ou seja, aspectos relacionados a profissionalização do *métier*. Essa fase, que Valéria Guimarães chama de “Era de Ouro”, seria perturbada com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Foi a partir desse momento que a *Revue Française*¹⁵ fecha, a hipótese é que ela acaba suas atividades por causa das restrições linguísticas. Num momento posterior, já em 1939, Aníbal Falcão abre o *Journal du Brésil*¹⁶, junto com a Aliança Francesa, que será frequentado por parte dos intelectuais modernistas da ala conservadora.

Nota-se, portanto, que a partir dos anos de 1850 tem-se um boom de profissionalização da imprensa, se configurando como uma das principais características da “Era de Ouro” da imprensa francesa no Brasil, que ocorreu entre 1854 e 1924. Cabe pontuar que essa denominação não se justifica pelo número de publicação de jornais, já que entre 1827 e 1857 foram publicados mais impressos em língua francesa do que no período posterior. De acordo com Valéria Guimarães, entre 1827 e 1857, o Rio de Janeiro publicou 47 jornais e, em São Paulo, foram publicados 15 jornais. Já o período entre 1854 e 1924, evidencia que no Rio de Janeiro 33 jornais foram publicados, enquanto em São Paulo esse número foi de 11 jornais.

Outros elementos dessa “Era de Ouro” estão associados às questões técnicas que modernizaram os jornais e por consequência, aumentaram a sua pauta, o tamanho do jornal foi ampliado, as temáticas deixaram de ser concentradas exclusivamente nas disputas políticas, mesmo com a sessão de política, tem-se uma proposta maior, literária, de variedades. Maiores, eles se tornam jornais mais noticiosos, jornais com pauta mais variada, mais rubrica, mais colaboradores e o maior número de publicações nesse período em comparação a outros períodos da história da imprensa no Brasil. Assim, por todas essas características, para Valéria Guimarães, o período entre 1854 e 1924 pode ser compreendido como um período de ouro para a imprensa franco-brasileira, ou seja, aquele que se estabelece entre a publicação do *Le Courier du Brésil* (1854-1924) e termina com o

15 Revista Francesa.

16 Jornal do Brasil.

*Le Messenger de S'Paul*¹⁷ (1901-1924).

Naquele período os títulos disponíveis aos leitores podiam ser encontrados nas bibliotecas, vendidos pelos livreiros, de modo é possível afirmar que esses mediadores faziam os títulos circularem e alimentavam esse espaço cultural francófono. Não só os livros, mas também os periódicos tinham maior circulação, porque eram mais fáceis para ler e era mais barato adquiri-los. A existência de uma imprensa francesa no Rio de Janeiro permitia o desenvolvimento do *metier* da imprensa que envolvia uma série de profissionais tais como tipógrafos, livreiros que editavam jornais, editores, colaboradores, além disso, todo o aparato em torno da produção e distribuição desses materiais tinha a ver com a Rua do Ouvidor e arredores, e, em São Paulo para além da região do Triângulo. Tais fatores evidenciam que a presença da França é algo intrínseca à lógica do periodismo no contexto brasileiro.

Neste sentido, podemos verificar como foi impressionante o número de jornais em língua francesa circulando entre princípios do século XIX e meados do século XX. Provavelmente o número de títulos diminuiu no final do século XIX, pois neste período fica mais fácil ter acesso a essas notícias de fora e a questão da diminuição da imigração estrangeira contribuem para a diminuição da publicação de periódicos em língua estrangeira. Todavia, a concorrência também faz com que os periódicos em francês, que passam a ficar muito sofisticados, sejam importados em grande quantidade mesmo depois do telegrafo. Naquele contexto, em comparação com a França, a produção de periódicos nacionais consegue concorrer apenas quando ela consegue se sofisticar.

Já no início do século XX, há um mercado editorial bastante diferente do século XIX, muito mais dinâmico, é a esse período que Valéria Guimarães denomina como a terceira fase da história da imprensa franco-brasileira, essa fase modernista (1932-1957), também caracterizada por intensa publicação com alguns periódicos franceses, como demonstra estudos de Sergio Millier, que afirma serem as publicações francesas muito lidas no Brasil por essa vanguarda que também publicava. Contudo, para essa fase, de acordo com Valéria Guimarães, foi possível identificar a participação de autores com perfil mais conservador, a exemplo dos bastidores da *Revue Française du Brésil*¹⁸ (1932-1939), frequentado pelos verde-amarelos.

17 O Mensageiro de São Paulo.

18 Revista Francesa do Brasil.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a imprensa francófona tem ocupado lugar de destaque entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros dada a proeminência cultural francesa ao longo dos séculos XIX e XX. Tânia de Luca (2018) chama atenção que, nos últimos quarenta anos, a importância dos impressos periódicos se faz expressiva. Portanto, considerar jornais e revistas como objetos de pesquisa é ter em mente que são objetos culturais complexos e é essa complexidade que a historiografia tem dado conta atualmente.

No que se refere ao caso brasileiro como mencionado, desde o século XIX o mercado editorial do Rio de Janeiro e São Paulo se viu inundado por um número expressivo de periódicos estrangeiros, em sua maioria franceses, em consequência da explosão quantitativa e qualitativa da produção periódica na França (GUIMARÃES, 2019). Além disso, é necessário pontuar que a partir desse contexto novas perspectivas foram abertas para os estudos sobre a história dos periódicos e das transferências culturais transatlânticas no campo da imprensa.

Sendo assim, os periódicos franceses importados ou produzidos aqui representam um conjunto de materiais diversificados que podem ser tomados a partir de uma perspectiva transnacional, de modo a compreendê-los como fenômenos não meramente locais, mas integrados a um movimento mais amplo, de feições globais.

Deste modo, infere-se que as dinâmicas nacionais e transnacionais são diferentes, contudo, o ponto de intersecção dessas realidades é a imprensa, ambiente onde se é possível interrogar sobre os cruzamentos, as interações e as transferências culturais ocorridas em diferentes espaços nacionais (LUCA, 2012, p.10 - PREFÁCIO), ou seja, um veículo capaz de tecer uma “narrativa da modernização, para além das fronteiras nacionais” (GUIMARÃES, 2019, p. 18). Por isso, o caso da imprensa francesa é interessante, como buscamos demonstrar, justamente por colocar em marcha uma integração midiática efetiva entre várias regiões do mundo Atlântico.

A existência de uma imprensa francesa no Brasil, entre princípios do século XIX e meados do século XX, permitiu o desenvolvimento do *metier* da imprensa, o que provocou o aparecimento de uma série de profissionais tais como tipógrafos, livreiros que editavam jornais, editores, colaboradores, que atuavam em torno da produção e distribuição desses materiais. Mesmo jornais brasileiros tiveram presença desses franceses. Esses jornalistas estrangeiros improvisados tiveram papel importante por aqui, por isso, é necessário pontuar que a produção e a circulação da imprensa publicada em língua estrangeira, tanto por imigrantes como por brasileiros deve ser pensada como uma história que faz parte da

história do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 25, nº 42: p.539-555, jul/dez 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/gCNz8b736J7GnRG9c3vHMgQ/>. Acesso em jul. 2022.

_____. La presse allophone, un objet d'histoire occulté. In: GUIMARÃES, V.; AMORIM, P. (Org.) *Aula ministrada no curso Mídias e Literaturas: suportes e conteúdos*. Bloco III. História e Imprensa: a imprensa alófona e suas singularidades. PPGL-UNESP. São José do Rio Preto. 27 de maio. 2021.

ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Tradução Valéria Guimarães. *Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, USP, São Paulo, nº2, p. 21-34, 2012.

FALLEIROS, Flávia Nascimeto. Jornalismo, crítica de arte e esfera pública burguesa. *Aula ministrada no curso Mídias e Literaturas: suportes e conteúdos*. AMORIN, Pablo; GUIMARÃES, Valéria. 2021 (Orgs.). Programa de Pós-Graduação em História. UNESP. 2021.

_____. Jornalismo, crítica de arte e esfera pública burguesa. In: GUIMARÃES, V.; AMORIM, P. (Org.) *Aula ministrada no curso Mídias e Literaturas: suportes e conteúdos*. Bloco II. Literatura e Periodismo. PPGL-UNESP. São José do Rio Preto. 20 de maio. 2021

GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

_____. A Imprensa Francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX, *História (São Paulo)*, Assis/Franca, v. 38, p. 1-23. 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/183730/S0101-90742019000100203.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em jul. 2022.

_____. GUIMARÃES, Valéria. Imprensa francófona no Brasil: circulação e publicação. In: GUIMARÃES, V.; AMORIM, P. (Org.) *Aula ministrada no curso Mídias e Literaturas: suportes e conteúdos*. Bloco III. História e Imprensa: a imprensa alófona e suas singularidades. PPGL-UNESP. São José do Rio Preto. 10 de junho. 2021.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

KALIFA, Dominique et al. (Org.). *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011.

LUCA, T. R. História do, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

_____. Impressos periódicos: percursos de pesquisa. ISAIA, Arthur Cesar; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (orgs.). *Memória e identidade: entre oralidades e escrita*. E-book. Dados eletrônicos: Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2018. p. 8-25.

_____. Fontes periódicas: desafios e possibilidades interpretativas. In: GUIMARÃES,



V.; AMORIM, P. (Org.) *Aula ministrada no curso Mídias e Literaturas: suportes e conteúdos*. Bloco I – Metodologia e Abordagens Teóricas. PPGL-UNESP. São José do Rio Preto. 29 de abril. 2021.

_____. Prefácio à edição brasileira. In: GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 9-11.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

_____. O papel dos franceses na imprensa do Primeiro Reinado. In: Tania Regina de Luca; Valéria Guimarães. (Org.). *Imprensa estrangeira publicada no Brasil: primeiras incursões*. 1ed. São Paulo: Rafael Coppeti Editor, 2017, p.22-51.

_____. Presença francesa na imprensa do Primeiro Reinado no Brasil. In: GUIMARÃES, V.; AMORIM, P. (Org.) *Aula ministrada no curso Mídias e Literaturas: suportes e conteúdos*. Bloco III. História e Imprensa: a imprensa alófona e suas singularidades. PPGL-UNESP. São José do Rio Preto. 24 de junho. 2021.

MOLLIER, Jean-Yves. Prefácio à edição francesa. In: GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 13-15.

Recebido em 07/05/2022

Aprovado em 08/09/2022